AGON
Revista de Filosofia

DISCURSOS DO DESEJO, MANIFESTOS ERÓTICOS E OS PERCURSOS DE EROS
DISCOURSES OF DESIRE, EROTIC MANIFESTOS AND THE PATHS OF EROS

Cássio Eduardo Soares Miranda[1]

RESUMO: Este ensaio analisa as manifestações do discurso erótico na contemporaneidade, focando na transfiguração do erótico de um objeto interditado para um produto consumível, amplamente divulgado pelos meios de comunicação. Ao considerar o papel da mídia em transformar o erótico em um objeto de consumo, o estudo busca diferenciar o erótico do pornográfico, explorando como ambos influenciam o desejo humano e como se imbricam no discurso literário, filosófico e até mesmo político. Fundamentado em conceitos psicanalíticos, especialmente nas ideias de Jacques Lacan sobre o desejo e o psiquismo, o ensaio propõe, em diálogo com a filosofia, que a sexualidade e o erótico não coincidem necessariamente, destacando que a psicanálise não visa estabelecer novos padrões eróticos, mas, sim, investigar as soluções subjetivas que cada indivíduo constrói. A partir dessa perspectiva, o estudo explora como o erótico atravessa e desafia limites entre corpo e espírito, compondo-se como um fenômeno social e histórico com impacto duradouro.

Palavras-chave: Erotismo; sexualidade; literatura; filosofia.

ABSTRACT: This essay analyzes the manifestations of erotic discourse in contemporary times, focusing on the transfiguration of the erotic from a prohibited object to a consumable product, widely disseminated by the media. When considering the role of the media in transforming the erotic into an object of consumption, the study seeks to differentiate the erotic from the pornographic, exploring how both influence human desire and how they overlap in literary, philosophical and even political discourse. Based on psychoanalytic concepts, especially on Jacques Lacan's ideas about desire and the psyche, the essay proposes, in dialogue with philosophy, that sexuality and the erotic do not necessarily coincide, highlighting that psychoanalysis does not aim to establish erotic standards, but, yes, it investigated the subjective solutions that each individual constructed. As part of the perspective, the study explores how the erotic crosses and challenges boundaries between body and spirit, constituting a social and historical appearance with lasting impact.

Keywords: Eroticism; sexuality; literature; philosophy.

[1] Doutor em Psicologia. Universidade Federal do Piauí. E-mail: cassioedu@ufpi.edu.br

INTRODUÇÃO

Na atualidade, a circulação de bens de consumo, especialmente promovidos pela mídia em seu aspecto publicitário, facilita a difusão de produtos e objetos que se tornam desejáveis, capturando o ser humano em sua fragilidade e na sua dependência das imagens. O erótico, como uma expressão contemporânea, não é exceção a essa dinâmica. Pelo contrário, acreditamos que o erótico passou por uma transformação, deixando de ser apenas um objeto proibido para se tornar também um objeto de consumo, tratado como qualquer mercadoria, associado a um modo peculiar de comercialização. Produto e erotismo atuam como elementos que despertam o desejo. De acordo com a psicanálise, em particular as reflexões de Lacan (1963), pensar sobre a erótica significa refletir sobre o desejo, sobre as formas como o desejo se inscreve e se manifesta nos corpos e no que se entende como uma realidade ilusória: o psiquismo. Assim, é possível afirmar que sexualidade e "erótico" não coincidem necessariamente. Cabe à psicanálise não estabelecer uma nova erótica ou impor normas, mas observar as soluções individuais que cada pessoa constrói em sua própria vida. Neste contexto, o propósito deste ensaio é examinar algumas manifestações históricas de Eros. Para tanto, propomos uma breve distinção entre o erótico e o pornográfico, com o intuito de situá-los, a partir de "fragmentos de um discurso erótico", em um movimento social que ainda reverbera nos dias atuais. Em seguida, refletimos sobre a intersecção entre corpo e espírito, presente naquilo que chamamos de erótico.

1. UMA BREVE INCURSÃO CONCEITUAL

> O erotismo é uma interrogação e sempre será, o que quer que diga qualquer determinação futura. Por um lado, ele pertence à natureza animal primitiva do homem, que existirá sempre enquanto o homem tiver um corpo animal. Por outro lado, porém, ele é aparentado às formas mais elevadas do espírito. Mas ele só floresce quando espírito e instinto estão na sintonia correta. Quando falta um desses aspectos, ocorre um dano, ou pelo menos uma unilateralidade, um desequilíbrio, que pode facilmente desembocar em algo doentio (JUNG, 2005, p. 31).

Síntese entre o "animal" e "espiritual", o erotismo é daquelas noções difíceis de serem conceituadas em razão de seu caráter escorregadio. Trata-se de uma noção presente na filosofia, nas artes, na psicanálise e na religião e em todas elas, mesmo com os devidos conflitos, há uma ideia presente que é a ideia de no erotismo estão presentes o amor e sexualidade, não necessariamente ao mesmo tempo, mas que, em alguma medida, não são irredutíveis uma ao outro. Sendo assim, somos levados a assumir a definição de *erótico* como aquilo proveniente do campo do desejo, como um modo de provocar o desejo pelas vias da fantasia e da meia-luz. O que o diferirá da pornografia[2] será exatamente o fato de esta ser marcada pelo excesso de luz e evidência, enquanto que aquele será tomado pela sombra, pelas palavras que são ditas de modo não explícito, pelo mistério, pela beleza e poesia. Por vezes, não é uma definição fácil de ser feita, uma vez que os limites entre o erótico e o pornográfico esbarram-se em interditos culturais, visão de mundo, contexto sócio-histórico, valores, moralidades, dentre outros. Assim, uma obra que foi vista como pornográfica em um tempo pode ser vista como erótica em outro. De todo modo, o que permeia a noção de erótico é a possibilidade de constatação do campo do desejo, desprovido do valor mercantil que a pornografia assumiu. Lúcia Castello-Branco (1987) compactua com a ideia da dificuldade em se estabelecer limites rígidos entre o erotismo e a pornografia, uma vez que fatores políticos e econômicos também interferem na concepção. Entretanto, essa autora define que:

> [...] parece haver alguns traços específicos aos dois fenômenos que nos permitem estabelecer uma diferenciação razoavelmente nítida entre eles. Uma das distinções mais corriqueiras que se fazem entre os dois fenômenos refere-se ao teor 'nobre' e 'grandioso' do erotismo, em oposição ao caráter

[2] É de conhecimento amplo que a palavra *pornografia* Apareceu pela primeira vez nos *Diários de uma Cortesã,* em que um homem narra histórias sobre prostitutas e orgias. Para o historiador francês Sarane Alexandrian (1992) a palavra, gradativamente, assumiu a conotação de tudo aquilo que descrevia as relações sexuais sem amor.

> ‘grosseiro’ e ‘vulgar’ da pornografia. O que confere grau de nobreza ao erotismo é, para os defensores dessa distinção, o fato de ele não se vincular diretamente à sexualidade, enquanto que a pornografia exibiria e exploraria incansavelmente esses aspectos (CASTELLO-BRANCO, 1987, p. 13)

Paes (1990), por sua vez, afirma que para o campo do erótico faz-se necessário tomar como base a representação das variadas maneiras que a experiência humana se apresenta, enquanto que na pornografia o que se busca é o efeito imediato de excitação e comércio:

> Efeitos imediatos de excitação sexual é tudo quanto, no seu comercialismo rasteiro, pretende a literatura pornográfica. Já a literatura erótica, conquanto possa eventualmente suscitar efeitos desse tipo, não tem neles a sua principal razão de ser. O que ela busca, antes e acima de tudo, é dar representação a uma das formas da experiência humana: a erótica (PAES, 1990, p.14).

Assim, parece-nos que o pornográfico caracteriza-se pela exposição explícita dos órgãos e atos sexuais na cópula ou ainda em uma narrativa centrada nestes enquanto que no material erótico há uma predominância da sutileza na apresentação dos corpos e do ato sexual. No pornográfico há, ainda, uma lógica imediatista em sua constituição, pois nas narrativas (fílmicas ou textuais) uma relação sexual começa sem mais nem menos, tem uma duração, e finaliza sem uma consequência e, centra-se , ainda, no gozo sexual. Apesar das divergências, parece haver um consenso de que a pornografia é um gênero que estabelece uma relação contratual com seu espectador na garantia de “tudo mostrar”, como algo que revela tudo o que há para ser revelado, que não oculta nada, seja na narrativa textual, seja na narrativa fílmica. No texto, os detalhes de uma relação sexual - sobretudo com uma acentuada ênfase nos órgãos genitais – são descritos e apresentados de modo quase cirúrgico e nos filmes uma câmara direta registra tudo – também com ênfase nos órgãos genitais – e oferece a cena à visão do público. Para Zizek (2004, p.183), a pornografia é intrinsecamente perversa porque não apresenta nenhum ponto sublime-misterioso a partir

do qual o espectador possa olhar. Este ocupa uma posição de objeto e os atores na tela "[...] tratam de excitar-nos sexualmente, enquanto que nós, os espectadores, somos reduzidos à condição de objeto-olhado paralisado"[3]. Existe, desse modo, uma elisão entre o olho e o olhar, conforme Lacan trata no seminário intitulado "Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise" (1964). A visão está do lado do sujeito, ou seja, o olho que vê o objeto, enquanto que o olhar está do lado do objeto. Quando se olha um objeto, o objeto está sempre a olhar, de antemão, o sujeito, a partir de um ponto no qual o sujeito não pode vê-lo e, assim, tal antinomia se perde na pornografia, pois lá não há nada que olhe o sujeito e se ofereça como ponto de captura do olhar.

Seguindo tal raciocínio, pode-se argumentar que em narrativas não-pornográficas, as cenas de amor e sexo se constroem sempre em torno de um certo limite que não se pode transpor, uma vez que não se pode mostrar – ou dizer – tudo. Em certo momento, a narrativa faz uma pausa, a câmara se distancia, a cena escurece, reticências são colocadas e a consequência é uma captura e absorção do espectador. Assim, manter a suspensão, não ir "até o final" e não usar a história apenas como um pretexto para a cópula é, de certo modo, promover uma fascinação e ocultar a antinomia existente entre o olho e o olhar e, de certo modo, tentar estabelecer uma fusão do espectador com a obra. Em resumo, a pornografia tem o gozo sexual como um fim em si mesmo, apresenta uma "mutilação" dos seres ao centrar-se no pênis e na vagina – às vezes nas nádegas e seios – e propõe uma contabilização do gozo ao se fixar em um pênis que goza diversas vezes diante de uma vagina ou ânus insaciável e não propõe ruptura com coisa alguma. Por outro lado, o erotismo possui essencialmente um caráter de subversão, de contestação e questionamento de uma ordem estabelecida. No dizer de Bataille (2004, p. 48), "[...] o erotismo é o desequilíbrio no qual o

[3] Livre-tradução nossa de: "... tratan de excitarnos sexualmente, mientras que nosotros, los espectadores, somos reducidos a la condición de objeto-mirada paralizada".

ser coloca a si mesmo em questão, conscientemente" e o ponto máximo da realização do erotismo encontra-se na morte. Com todos estes elementos, o erotismo faz com que os seres se impliquem em uma capacidade de fabulação.

Em síntese, pode-se dizer que em ambos os casos, a fantasia acompanha a sexualidade e é dominadora, no sentido de que avança sobre setores não sexuais, erotizando-os. Assim, a libido é resultado da fantasia e o erotismo aparece como a capacidade humana de fabulação – uma dimensão mental – em que os prazeres suscitados por tais escritos são produzidos pela imaginação. A questão que se verifica na pornografia é que a capacidade de fabulação tende a ser minimizada pela apresentação de discursos e imagens estereotipadas que tolhem a capacidade imaginativa. Se no escrito erótico é a dimensão velada que permitirá a fabulação, na pornografia o desvelamento impedirá a fabulação. No entanto, o grau de desvelamento e fabulação dependerão de diversos fatores já citados e ainda de elementos que passam de modo prioritário pelo campo axiológico. Dessa maneira, o que pretendemos, neste ensaio, é percorrer os modos como o erotismo - assim como o amor - sofreu modificações no decorrer do tempo e no espaço e, da mesma forma, como ele se manifestou em diversas situações. Assim, passaremos por alguns textos literários, na intenção de tomá-los como uma ilustração para a ideia que queremos defender: o erotismo foi, no decorrer da história, tomado como um discurso de contestação aos discursos hegemônicos estabelecidos e serviu como um modo de subversão de uma certa norma massificadora. É certo que os textos literários não se constituem como documentos históricos propriamente ditos, uma vez que a separação entre realidade e imaginação se faz necessária, pois a literatura não tem a pretensão de dizer a verdade. No entanto, podemos dizer que ela revela fantasmas de uma dada época e é, à "caça" de tais fantasmas que nos colocaremos, a partir da interface entre a Psicanálise e a Análise do Discurso. O que nos interessa pensar com as discussões a serem feitas abaixo é que, com o passar do tempo, o

discurso erótico-sexual sofreu um esvaziamento, tornando-se um importante produto da indústria cultural, perdendo seu caráter de contestação e renovação. Assim, discutiremos o caráter "contestatório" do erotismo para verificarmos em que medida o discurso erótico-sexual não funciona mais como um discurso da invenção mas como um discurso da massificação.

2. DE UM DISCURSO ERÓTICO[4]

A erótica antiga definia, segundo Foucault (1984), o modo de relação que um homem estabelecia com um rapaz e determinava o uso dos prazeres. Desse modo, *erótica* referia-se ao estudo do amor entre homens na Grécia Clássica, o que marcava um modo peculiar que os homens tinham para lidar com seu desejo. Eros não era homossexual, mas as relações entre homens e mulheres assumiam configurações diferentes, uma vez que não eram necessariamente pautadas pelo desejo, antes, por uma ética que passava pelo casamento, gestão da casa, procriação e manutenção da dependência. Sendo assim, na erótica grega Eros relacionava-se com a verdade e a verdade estava do lado dos homens. O que Eros fazia então era reforçar uma dada moral, um dado modo de organização social e um modo de amor particular. O amor entre um homem e um rapaz seguia a lógica da *Polis,* uma lógica que garantia a cidadania somente aos homens adultos e livres cuja finalidade era introduzir os jovens, principalmente os da aristocracia, no mundo do conhecimento, da guerra e da

[4] Optamos aqui por utilizar o termo *erótico* em função do caráter de amplitude que o termo abarca, uma vez que podemos verificar que diversos aspectos do sexual se encerram nele. Assim, tomamos o erótico tanto na vertente do sexo propriamente dito quanto na vertente da fabulação que o sexo representa. Se a palavra *sexualidade* é um termo tardio nos dicionários, algo que data do século XIX, é exatamente por colocar o *sexo* nas mãos de estudiosos que passaram a distingui-lo entre necessidade física, prazer e desejo. Assim, o sexo perde a conotação puramente reprodutiva para incorporar uma gama de outros fenômenos da existência humana.

política[5]. Do mesmo modo, quando se toma a pederastia como uma prática comum entre os gregos é preciso pensar que ela se relacionava à uma prática de aperfeiçoamento de vida e consistia em dominar os excessos para melhor governar a si, aos outros e a *polis*. Com isso sustentamos, ao lado de Costa (1999), que a prática erótica grega visava a construção de identidades subjetivas submissas às necessidades da cidade.

No entanto, os tempos são outros e o mundo universalizante promoveu uma nova erótica. Uma erótica que estabeleceu mutações na relação entre homens e mulheres e prova disso é que hoje é possível casar-se, desejar, amar e obter prazer sexual com a mesma pessoa e o amor passou a ser uma condição fundamental para a maior parte dos casamentos. Todavia, isso não implica em uma liberação, pois, como sustenta Giddens (1993, p.18), pois, "Permissividade sexual não é absolutamente a mesma coisa que liberação. A transformação da sexualidade em mercadoria é universal, mas o erotismo fica quase completamente eliminado". Com o pensamento de que o erótico é um discurso capaz de promover modificações sociais, tomaremos como ponto partida discussões em torno da dimensão erótico-sexual humana para, em um momento oportuno, discutirmos como a dimensão sexual contemporânea sofreu mutações, associando-se, de certo modo, ao nosso tempo. De toda maneira, o que se pode sustentar é que no campo amoroso, conforme tratado no capítulo anterior, amar pode prescindir da sexualidade, colocando em campos opostos o amor e o erótico.

Fenômenos da pós-modernidade? É possível. Na orientação que seguimos, a contemporaneidade não supõe uma ruptura com a modernidade, como propõe o conceito

[5] É oportuno lembrar que o valor fundamental na Grécia antiga era atribuído ao homem livre, identificado com a figura masculina ativa. Mulheres, escravos e crianças eram passivos. As mulheres, por natureza; os jovens, pela pouca idade e o escravo, por sua condição servil. Assim, um homem adulto não poderia ser passivo na relação sexual, uma vez que *Isso* implicava em uma desonra e uma vergonha, algo imoral e indigno. Desse modo, a homofilia entre homens adultos livres era intolerada, pois contrariava as normas e a moralidade da cidade.

de pós-modernidade, mas refere-se a uma mudança de registro que tem como dado principal "[...] a exacerbação de algo que já lá estava e em uma nova aliança entre seus principais personagens. (...). A contemporaneidade lacaniana é assim uma alta modernidade, ou uma hipermodernidade" (VIEIRA, 2004, p.1), marcada pela exacerbação, pelo desencaixe, corrosão de caráter, proliferação dos comitês de ética, dentre outros fenômenos. Pode-se afirmar que a hipermodernidade produziu, ao mesmo tempo, uma sociedade sofisticada e bárbara e que o erótico assumiu uma conotação de consumo. Assim, ele é ou se mostra marcada por fórmulas miraculosas de solução e autoajuda. Nesse sentido, uma das hipóteses que queremos aqui demonstrar é que a função exercida pela literatura até o século XIX, como responsável pela transmissão de signos do amor, do sexual e do erótico é agora desempenhada pela mídia, seja ela tradicional ou encarnada nas redes sociais. O modo mais peculiar de atuação do poder na hipermodernidade encontra fundamentos no que Foucault (1984) denominou de biopoder[6], que se caracteriza por um poder que não é mais localizado externamente, mas, antes, um poder que atua tanto no exterior quanto no interior de uma posição subjetiva. Tal condição de poder é funesta porque se encontra pulverizada na lógica da rede social e se inscreve no corpo e na subjetividade, e, de modo mais preciso, encontra seu sustentáculo naquilo que hoje se denomina de economia de mercado, mesmo que não se saiba ao certo o que é o mercado. Assim, Viera (2004, p. 5) se interroga sobre esse conceito: "O que é o mercado? Não se sabe

[6] O direcionamento foucaultiano de sua abordagem se dá no sentido dos dispositivos de normalização que aparecem como "mecanismos de regulação" da vida. Assim, para ele, "Nos procedimentos da biopolítica, não se trata apenas de distribuir, vigiar e adestrar os indivíduos dentro de espaços determinados, mas de dar conta dos fenômenos amplos da vida biológica. Trata-se de atuar sobre os fenômenos naturais que se manifestam numa determinada população. Este é o domínio constituído pelo que Foucault chamará de "arte de governar", entendida como a racionalidade política que determina a forma de gestão das condutas dos indivíduos de uma dada sociedade" (FONSECA, 2003).

delimitá-lo, pois não tem fronteiras precisas. Nada, porém, furta-se a ele. Os índios? Já têm celular. Os monges tibetanos? Vendem *best-sellers*". É este mercado que produz tudo, inclusive uma nova erótica, pois não há mais objeto que não seja produzido por ele, não há mais objeto "fora de série" e todos são adquiríveis, fundamentais e descartáveis, inclusive o erótico.

Se a nossa civilização desconhece a *Ars erotica* (FOUCAULT, 1988) é em função de uma *scientia sexualis*[7], ou seja, a partir da elaboração de uma discursividade científica que enclausurou os fenômenos ditos eróticos nos procedimentos e dispositivos da ciência positivista surgida no século XIX. Como o amor fazia parte dos discursos dos moralistas, dos religiosos, dos artistas e dos juristas, da mesma maneira o sexo deixa de ser um problema apenas para tais setores da sociedade e se transforma, a partir do século XIX, em um problema clínico e de saúde pública. Dessa forma, o modo de se extrair a verdade[8] dos sexos passa necessariamente pelo campo de uma cientifização e uma pedagogização dos sexos. Basta, para tanto, verificar que, nos tempos atuais, "A arte de amar é hoje a de gozar e o saber dos sexólogos nos governa; ao mito do amor eterno substitui-se o do *orgasmo genital perfeito*. O amor é o sexo programado, o mesmo para todos, exigência de conformidade às regras sexológicas" (MILAN, 1985, p.63). É o erótico marcado pelas lógicas do mercado, pelo mais saber sobre o gozo e pela proliferação de discursos inscritos e prescritos por exigências do biopoder. Tais discussões nos permitem assumir o erótico como discurso, como

[7] A *Scientia Sexualis,* aparentemente neutra, desprovida de ideologia, como toda ciência deve ser, possui um caráter moralizante, conforme demonstrou Michel Foucault (1984). S*eu* caráter possui um efeito mais amplo que a ação da Igreja, pois atua sobre os indivíduos que também contestavam o poder eclesiástico. Com base em um discurso médico-científico, a *Scientia Sexualis* passou a categorizar as práticas sexuais como saudáveis ou não e passou a legitimar determinadas formas de amar.

[8] Foucault (1988, p.57) declara que, na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, podendo ser encontrado em sua prática e em sua experiência. O prazer é levado em consideração em relação a si mesmo e, por isso, deve ser conhecido em sua intensidade e qualidade específicas. Para tanto, na arte erótica é necessário seguir uma caminhada em direção a um lugar magistral, guiado por um mestre, tal como aconteceu em sociedades como China, Índia, Japão e Roma.

linguagem, porque se circunscreve no social e é codificado por meio de regras, de signos e se expressa ainda por meio de representações e modos de significação. Em função destas e outras proposições é que se sustenta que uma dimensão do erótico passa pelo campo da imagem – imagem enquanto enunciação discursiva -; o erótico se inscreve no texto e, ainda, o erótico é um discurso capaz de causar efeitos variados no espectador, na intenção de se verificar como as fantasias do desejo tornam-se reféns de modelos da indústria cultural e do individualismo de massas hoje. Da mesma forma, seja na pré-história, seja na antiguidade clássica, seja na contemporaneidade, os movimentos plásticos de Eros se constituíram como modos de tratar da atividade sexual e, mais ainda, de fazer com que a sexualidade sofresse um deslocamento do puro ato sexual genitalmente determinado e se transfigurasse em uma outra coisa. A esta outra coisa, pode-se dar o nome de Erótico ou erotismo. Assim, o erotismo marca uma separação entre a pura atividade sexual de reprodução e associa-se à uma outra dimensão, que é dimensão da fantasia que marca toda a atividade amorosa e sexual do ser humano. Assim:

> A atividade sexual de reprodução é comum aos animais sexuados e aos homens, mas, aparentemente, apenas os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, o que diferencia o erotismo e a atividade sexual simples como uma pesquisa psicológica independente do fim natural que ocorre na reprodução e na preocupação com a prole. (BATAILLE, 2004, p.19).

Bataille (2004) garante que o erotismo é a busca pela continuidade, uma vez que o homem, ao ser separado da natureza, foi lançado em uma condição de descontinuidade. No entanto, o erotismo é desequilíbrio e perda de estabilidade, uma vez que inaugura no homem uma perda própria. Nesse sentido, pode-se dizer que o erotismo se assemelha à paixão. Certamente que com a saída do ser humano do estado de natureza – o que promoveu o erotismo, conforme Bataille – e a passagem ao estado de cultura, tem-se um humano marcado pela perda. Para Freud (1929), a entrada para a cultura implica em uma condição

que inaugura um mal-estar instaurado no homem e, consequentemente, na cultura, o que promove uma inadequação do homem na civilização. Tal entrada implica em uma renúncia aos instintos animais, pois há um antagonismo inevitável entre as exigências do instinto e as restrições da civilização. Se o amor é um dos fundamentos da civilização (Freud, 1929), só mesmo em função de uma repressão e de uma necessidade é que o homem teve que inventar um modo para se salvar. Nesse sentido, renunciar aos instintos fez com que ele buscasse evitar que a pulsão de morte prevalecesse e assim deu lugar às manifestações de Eros - que pode ser chamado também de libido - e a civilização, com suas manifestações culturais, sociais e artísticas "[...] constitui um processo a serviço de Eros, cujo propósito é combinar indivíduos humanos isolados (...) numa única grande unidade, a unidade da humanidade" (FREUD, 1929,p.126).

Desse modo, percebe-se que a civilização, com aquilo que ela tem de mais característico, que é a cidade, estabelece uma relação de oposição entre a sexualidade e o erotismo, ou seja: A sexualidade se mostra naquilo que ela tem de mais instintivo e o erotismo se faz ver quando a sexualidade se socializa. Se for disso que se trata, o erotismo possui uma dupla lógica: ao mesmo tempo em que funciona como um dispositivo para impedir que a sexualidade circule de modo a prejudicar a vida dos cidadãos, ao mesmo tempo funciona também como um motor da vida na civilização, pois o erotismo formou-se a partir de um fato social proibitivo e, ao mesmo tempo, de uma invenção que se fez a partir das restrições impostas. Sendo assim, a cidade enquanto um ponto privilegiado para a cultura se realizar e se organizar, permite que o erotismo circule por suas vias e faz arte, aparecendo como um espaço de tratamento do desejo:

> A maneira como o desejo é tomado na cidade indica, pois, o espírito dessa mesma cidade, seja pondo em jogo a desordem das paixões (...) seja impedindo a imoderação de se expressar coletivamente, ou melhor,

> estabelecendo limites às possibilidades da convivência. (PECHMAN, 2006,p.3).

Isto é, a cidade com seus espaços, sua arquitetura, sua manifestação da arte revela o erotismo de seus cidadãos em certo tempo. É por esse caminho que *os movimentos plásticos de Eros* serão tomados como modos discursivos do erótico aparecer e, da mesma maneira, como a hipermodernidade toma tais movimentos, sobretudo se veiculados midiaticamente.

3. O ERÓTICO NO VERBO: O espírito da carne e a carne do espírito

De modo geral, a arte apresenta objetos de horror e fascinação, como pode ser visto nos quadros de Hieronymus Bosch, autor de *Jardim das delícias,* que apresenta um estilo fantástico e por vezes bizarro. O objeto aprovado pela cultura é aquele objeto que resulta da sublimação e configura-se como um objeto que contorna o vazio e confronta o mal-estar. Para Badiou (1998,p.24):

> A obra de arte faz desvanecer, em sua forma, a cintilação indizível do objeto perdido. É assim que ela prende, inevitavelmente, o olhar daquele que a ela se expõe. A obra de arte provoca uma transferência porque exibe um objeto que é a causa do desejo.

É o objeto causa de desejo que, ao mesmo tempo, causa angústia e, como um de seus efeitos, promove a atração e a repulsa que uma obra, por vezes, exerce sobre um dado espectador. É a apreensão no campo do imaginário, movido pelo objeto de desejo que causa fascinação – um tipo de entorpecimento – e horror, em algumas obras. Se na Antiguidade Clássica tem-se o Erótico como o uso dos prazeres entre os homens e a mulher como uma não existência social, a Idade Média mostra, na pintura e na literatura, um Eros velado,

recalcado pelo social e pelas imposições morais da Igreja[9]. Mesmo quando certas obras surgem para contestar a moral estabelecida, tais obras surtem um efeito muito reduzido e somente o Renascimento colocará o erótico novamente em cena.

Para Verdon (1996), os entraves colocados lentamente pela Igreja acarretaram uma concepção particular do prazer próprio à Idade Média, e fizeram com que a sensualidade corporal, associada à sensibilidade estética e à sublimação das pulsões carnais estivessem subordinadas à Deus. Mesmo quando encontramos manifestações diversas da sexualidade na Idade Média - tais como a masturbação com ou sem uso de "próteses" penianas, a felação, o *cunnilingus,* o coito interrompido, o coito *inter femora* (coito entre as coxas), a *sodomização* da mulher, além das práticas homossexuais e diversas outras praticadas pelo homem medieval - a Igreja procurou estabelecer sua concepção a respeito da sexualidade através da publicação de diversos documentos, encíclicas e pregações dominicais, além de, como destaca Biasi (2007), promover uma cruzada homossexual que conduziu os búlgaros ao suplício tendo em vista sua posição herética (de acordo com o ponto-de-vista católico) e ainda à crise demográfica que a homossexualidade provocava. Conforme visto, a sexualidade interroga a condição humana e o texto de ficção é um modo particular - assim como no caso do amor – de representar a experiência erótica. Se toda uma tradição de ficção erótica se inscreveu no Ocidente, verifica-se que ela ocorreu pelo fato de o sexo dar o que escrever. Conforme Miranda (2021), André Capelão leu Ovídio e, ao escrever o seu

[9] É evidente que encontramos uma fase da Idade Média marcada por uma certa liberação da moral e dos costumes, como pode ser visto no estudo realizado por Bakhtin (1987), sobre a cultura popular. Bakhtin demonstra que o modo de vida hedonista, o comércio sexual, a ausência de pudores rigorosos e, principalmente, na vida camponesa, o humor grotesco e a comemoração festiva da sexualidade estavam presentes. Laqueur (2001) sustenta que até o final do século XIII, a preocupação maior da Igreja recaia sobre o controle dos corpos dos clérigos e, somente após essa data é que, com a prática da confissão, o controle sobre a vida religiosa e cotidiana do homem e da mulher medieval se estabeleceu como discurso. Tal discurso, baseado na renúncia dos prazeres carnais para a salvação da alma, produziu uma "normatização" do corpo e dos prazeres na Idade Média Cristã (principalmente nos séculos V, VI e XIII d.C), o que Foucault (1988) denominou de um "policiamento do sexo".

"Tratado" antecipou diversas teorias sobre o amor, o sexo e o erotismo. Dentre tantas, Capelão definiu o amor como *Immoderata Cogitatio,* um impulso incontrolável que leva à produção literária. Saltando vários séculos, mas, na mesma trilha, veremos que Stendhal (1822[1999]) no século XIX, na França, diz que o amor é o prazer da imaginação. Imaginação, fantasia, termos correlatos quando se trata do erotismo, pois o caráter imaginário com o qual o humano se localiza na realidade é aquilo que faz, por exemplo, que ele se inscreva no campo do fetiche. Na mesma época, encontramos a personagem de Flaubert, Madame Bovary que sonha com um amor que não exclua os prazeres sexuais. De modo geral, a humanidade sempre buscou regras para amar, segundo destaca Miranda (2020). Quanto ao amor físico, tal busca se deu, talvez, de modo mais intenso e parece que a civilização é mais insegura no assunto. É com base em tais premissas que os manuais eróticos assumiram um importante lugar na vida dos letrados, com o intuito de ensinar como se deve amar fisicamente. De modo geral, tais manuais descrevem as variadas formas de coito, mas, acima de tudo, ensinam os prazeres da carne e, em muitos casos, sem dissociá-los dos prazeres do espírito. Tão antigos quanto a escrita, perduram até hoje, com reedições do *Kama Sutra* e, ainda, de novos manuais de amor e sexo, tais como *As 177 maneiras de enlouquecer uma mulher na cama*, *As 205 maneiras de enlouquecer um homem na cama*, dentre outros.

Como se sabe, no início da Idade Média[10] o clero católico listou a luxúria entre os pecados capitais. A luxúria era o equivalente aos prazeres carnais e, entregar-se a eles

10 De acordo com Charles Panati (2000), em *Origens Sagradas de Coisas Profundas*, o teólogo e monge grego Evágrio do Ponto (345 – 399) teria escrito uma lista de oito crimes e "paixões" humanas, em ordem crescente de importância (ou gravidade), a saber: 1. gula; 2. luxúxia; 3. avareza; 4. ira; 5. soberba; 6. vaidade; 7. preguiça. No entanto, tal lista só foi oficialmente aceita pela Igreja no final do século VI, sob os auspícios do Papa Gregório.

impedia a redenção espiritual dos cristãos. No entanto, não se tratava apenas de proibir, mas de criar um aparato pastoral que tivesse efeitos sobre a subjetividade e sobre os corpos. Estes aparatos consistiam em modos de produção da subjetividade, uma vez que tinham a intenção de desenvolver nos sujeitos um modo de controle que fosse eficaz, sem a necessidade de um policiamento constante por parte do clero. No entanto, como afirma Muchembled (2005), nas tabernas era permitido aos homens ouvirem histórias de mulheres insaciáveis, de orgias, do defloramento de virgens, dentre outras histórias. Tudo isso tolerado pelo catolicismo, pois a taberna passa a ser uma geografia circunscrita para a depravação. Entretanto, a tolerância do clero findou-se com a criação da inquisição e fez com que os corpos passassem a ser escondidos e excluídos da cena cotidiana. Como os escritos eróticos possuem uma finalidade de contestação daquilo que se encontra estabelecido e serve de freio ao desejo, *Decameron* apresenta-nos uma outra Idade Média, diferente não só espacialmente, pois foi escrito durante a Idade Média italiana, mas também em seu conteúdo. Não mais uma Idade Média da castidade e da pureza, mas uma Idade Média repleta de erotismo e luxúria. Boccaccio escreveu o *Decameron* entre 1349 e 1351 e seu livro tem cem histórias narradas por sete mulheres e três homens reunidos numa casa isolada, onde contam peripécias de sexo com conteúdos satíricos envolvendo a Igreja. Católica.

Em uma dessas histórias, o personagem Filostrato descreve as peripécias de um jardineiro que se finge de mudo para conseguir emprego num convento de freiras. Contratado, ele mantém relações sexuais com todas as religiosas. Em outro trecho, um monge seduz uma virgem durante uma prece. São formas de contestação da supremacia católica sobre os sujeitos, mas que quase custou a vida de Boccaccio, conforme pode ser confrontado em Cambeiro e Arêas (2002). Redescoberto no Renascimento e relido ainda hoje, seus escritos associam religião com sexualidade, o que mais tarde, no século XVIII, os

libertinos farão novamente. Segundo Foucault (1988), até o século XVII uma certa franqueza figurava na França e na Itália, em que as palavras não eram tão medidas, a anatomia não era tão escondida e os corpos não eram tão expostos ao sacrifício, se comparados ao século XIX. A recorrência de uma situação como esta se localiza na discursividade construída em torno do sexo e do erotismo, que faz deles um fato discursivo. Essa discursividade do sexo gerou um meio para seu exercício através do discurso supostamente neutro da ciência. Se o campo moral definia os limites entre o lícito e o ilícito, se o religioso estabelecia regras entre o pecaminoso e o não pecaminoso, o científico estabelecia uma política de administração do sexo com base no ideal de normalização. Assim, com um discurso asséptico, a ciência tratou de promover uma discursividade em que o campo sexual seria vigiado, não mais por uma concepção espiritual, mas agora, a partir de uma pastoral leiga e fundamentada em uma racionalidade argumentativa em que as provas, os dados, os números passaram a ser uma força crescente, sobretudo nas políticas higienistas dos sanitaristas da época, conforme sustenta o autor supracitado. Se de um lado o século XVIII viu nascer uma discursividade sobre a sexualidade pautada em premissas de controle, de detalhamento e também pastoral, viu surgir ainda um ponto privilegiado para uma outra discursividade, o que ocorreu nas organizações secretas como a *Sociedade para a Promoção do Vício, Clube do Fogo do Inferno ou Ordem Hermafrodita*, onde promoviam leituras ou encenações de livros eróticos que culminavam em orgias. Segundo Moraes (1994), tais sociedades encontravam-se espalhadas por toda a França, com uma presença maior em Paris. Os franceses tinham à disposição mais de cem desses clubes, alguns com até 400 integrantes, entre homens e mulheres. Não apenas com objetivo de realizar o "culto à carne", os membros discutiam política, Filosofia e religião e, de modo mais específico, tem-se um Sade, que leva a Filosofia para a alcova (MORAES, 1996).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio teve como objetivo problematizar acerca das variadas e complexas manifestações de Eros, com ênfase em sua presença no discurso literário e nas diferentes finalidades que esse discurso assume ao longo do tempo. O discurso erótico, longe de se limitar a expressões de desejo, revela-se multifacetado: em determinados contextos, ele assume uma função pedagógica, buscando educar e informar o público sobre aspectos da experiência humana e do desejo; em outros, o mesmo discurso torna-se um instrumento de contestação política, servindo para desafiar normas sociais, questionar tabus e provocar reflexões sobre a liberdade individual e coletiva. A análise realizada neste ensaio inclui uma breve tentativa de diferenciar o erótico do pornográfico, tarefa que se mostrou complexa e nada trivial. Ambos os conceitos, embora distintos em muitos aspectos, estão profundamente entrelaçados e exercem uma força de atração (fruição) que vai além do entretenimento ou do prazer imediato. O erótico e o pornográfico compartilham não apenas uma capacidade de impactar emocionalmente, mas também possuem uma força literária, filosófica e até mesmo política, influenciando a maneira como compreendemos o desejo e a subjetividade. A partir dessa perspectiva, argumentamos que o erótico, ao contrário de ser meramente um tema de exploração sensorial, contribui para a construção de sentidos, desafiando os limites entre corpo e espírito, entre prazer e pensamento. A literatura erótica, em especial, oferece uma arena em que essas forças se encontram, promovendo uma reflexão sobre a sexualidade humana e os mecanismos de repressão e expressão. Desta forma, o ensaio visa não apenas traçar as fronteiras entre o erótico e o pornográfico, mas também destacar como ambos transcendem o âmbito pessoal e ganham relevância social, literária e filosófica, deixando marcas profundas na cultura e no pensamento contemporâneos.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRIAN, S. História da literatura erótica. Rio de Janeiro. Rocco, 1994

ARÊAS, A. M.; **CAMBEIRO**, D. Reflexões Lingüístico - Literárias em o Decameron, de Giovanni Boccaccio. In: Anais do VI Congresso Nacional de Lingüística e Filologia, Cadernos do CNLF, Série VI, n°3, Estudos Filológicos e Literatura. Rio de Janeiro, 2002, p. 1-9. Disponível em: http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/caderno03-10.html. Acesso 20/06/2023.

BADIOU, A. **PARA UMA NOVA TEORIA DO SUJEITO:** conferências brasileiras. São Paulo. Relume-Dumará, 1998.

BAKHTIN, M. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi. São Paulo. HUCITEC, 1987.

BATAILLE , G. O Erotismo. São Paulo. Arx, 2004.

BIASI, P-M de, Histoire de l'érotisme, de l'Olympe au cybersexe, Paris, Gallimard, 2007.

CASTELLO-BRANCO, L. **EROS TRAVESTIDO:** um estudo do erotismo no realismo burguês. Belo Horizonte. UFMG, 1985.

FONSECA, M. A. Michel Foucault e a constituição do sujeito. São Paulo. EDUC, 2003.

FOUCAULT, M. **HISTÓRIA DA SEXUALIDADE II**: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **HISTÓRIA DA SEXUALIDADE I:** A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988

FREUD, S. (1929). O mal-estar na civilização. In: **FREUD**, S. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. XXI. Rio de Janeiro. Imago, 1996.

GIDDENS, A. **TRANSFORMAÇÕES DA INTIMIDADE:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo. Ed. UNESP, 1993.

JUNG, C. G. Sobre o amor. São Paulo. Ideias & Letras, 2005.

LACAN, J. **O SEMINÁRIO, LIVRO 11:** os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2008. (Seminário original de 1964)

_____. **O SEMINÁRIO LIVRO 10:** A angústia. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2005. (Seminário original de 1962-1963)

MILAN, B. O que é amor?. São Paulo. Brasiliense/Abril Cultural, 1985. (Coleção primeiros passos).

MIRANDA, C. E. S. A arte de amar... e de fingir: um ensaio discursivo sobre o amor em Ovídio. Entremeios, v. 22, p. 6-16, 2020.

_____. **AMOR CORTÊS:** um desejo de contenção?. Revista Interfaces, v. 12, p. 154-163, 2021.

MORAES, E. R. Sade, O Crime entre Amigos. In: Adauto Novaes. (Org.). Libertinos, Libertários/Companhia das Letras/ FUNARTE. São Paulo. Companhia das Letras/ FUNARTE, 1996, v. , p. 245-254.

MUCHEMBLED, R. **L'ORGASME ET L'OCCIDENT:** Une histoire du plaisir du XVIe siècle à nos jours. Paris: Le Seuil, 2005,

PAES, J. P. **EROTISMO E POESIA:** dos gregos aos surrealistas. In: _____. Poesia erótica em tradução. São Paulo. Companhia de Bolso, 2006. p. 13-17.

PANATI, C. **SACRED ORIGINS OF PROFOUND THINGS:** the stories behind the rites and rituals of the world's religions. London. Penguin Books, 2000.

PECHMAN, R. M. Eros furioso na cidade. In: Anais do IX seminário de história da cidade e do urbanismo. São Paulo, 4 a 6 de setembro de 2006. CD-ROM.

VERDON, J. (1998) O Prazer na Idade Média. Lisboa. Difusão Cultural.

VIEIRA, M. A.. Hipermodernidade, Latusa n. 9, Rio de Janeiro, Ed. Contra Capa, 2004

ZIZEK, S. Mirando al sesgo. Una introducción a Jacques Lacan a través de la cultura popular. Buenos Aires: Paidós, 2004.